

## Ensino de fotografia aplicada à comunicação visual na educação profissional e tecnológica: um estudo de caso com estudantes surdos

The teaching of photography applied to visual communication in vocational training: a case study with deaf students

**Eduardo Alexandre Cazonato Gomes**  <https://orcid.org/0000-0001-5016-5434>

Instituto Federal de Santa Catarina

E-mail: [photodugomes@gmail.com](mailto:photodugomes@gmail.com)

**Marimar da Silva**  <https://orcid.org/0000-0002-3132-1355>

Instituto Federal de Santa Catarina

E-mail: [marimar.silva@ifsc.edu.br](mailto:marimar.silva@ifsc.edu.br)

### Resumo

Este artigo, inserido na Área de Ensino, na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, busca operacionalizar a abordagem de ensino do *saber pelo fazer* para o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual, para estudantes surdos de um Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, de um Instituto Federal na região sul do Brasil. A pesquisa, um estudo de caso de cunho qualitativo-interpretativo, gerou dados a partir da tessitura dessa concepção de ensino, de estudos teóricos e empíricos sobre a comunidade surda e das percepções de oito estudantes surdos sobre fotografia. A análise dos dados gerou procedimentos de ensino, que foram categorizados em três grandes temas: i) A preparação da arquitetura do ambiente para o ensino; ii) A preparação de materiais voltados à especificidade de aprender do estudante surdo; e iii) A mediação do ensino. Esses procedimentos viabilizaram o desenho de uma sequência didática sobre fotografia de produto, que levou os participantes a aprenderem diferentes técnicas de fotografia, a fazerem relações entre o que aprenderam e o mundo do trabalho e a produzirem fotografias profissionais. No entanto, sugere-se uma ampliação do escopo do estudo, visando aprofundar os resultados aqui relatados.

**Palavras-chave:** Educação Multicultural. Educação dos Surdos. Formação Técnica.

### Abstract

This article, in the Teaching Area, in the research line of Practices in Vocational Education, seeks to operationalize the teaching concept of *knowing by doing* to the teaching of photography applied to visual communication to deaf students from a Technical Course in Visual Communication from a Federal Institute in the south of Brazil. The research, a qualitative-interpretive case study, generated data from the study of the *knowing by doing* concept, the theoretical and empirical studies on the deaf community, and the perceptions of eight deaf students on photography. The analysis of the data generated some teaching procedures, which were categorized into three main themes: i) The preparation of the architecture of the context for the teaching of photography; ii) The preparation of didactic materials focused on the learning specificities of the deaf student; and iii) The mediation of the teaching of photography. Those procedures enabled the design of a didactic sequence on photography applied to visual communication, which led the participant students to learn different photography techniques, make relations between what they learned and the work of visual

communicators, and produce professional photographs. However, an expansion of the study scope is suggested, aiming to deepen the results obtained.

**Keywords:** Multicultural Education. Deaf Education. Vocational Training.

## Introdução

*[...] É importante que se discuta a surdez sob a ótica da diferença, sob o ponto de vista de dentro, “usando óculos surdos”, que permitem de fato uma visão da realidade surda. (PERLIN, 2010).*

Como apresenta a epígrafe que abre este artigo, quando se trata da educação de estudantes surdos, seja na educação regular ou na educação profissional e tecnológica, em contexto de ensino inclusivo ou bilíngue (Libras/Português), é necessário pensá-la na perspectiva da diferença. Sobre essa questão, Kelman (2015) enfatiza que a educação de estudantes que não pertencem à cultura dominante só pode ser bem-sucedida se for impregnada de respeito às culturas minoritárias. A autora também destaca que para se lidar com estudantes que têm processos de desenvolvimento e de socialização distintos do tradicional, não é possível um ensino generalizado; ao contrário, deve-se “buscar a análise e a compreensão dos fenômenos de comportamento individual e coletivo, nos diversos contextos em que as interações sociais e culturais ocorrem.” (KELMAN, 2015, p.49) Contribuindo para essa linha de argumentação, Rosa (2011) ressalta que é preciso respeitar a variante linguística, cultural, identitária e social dos surdos, pois somente “atendendo e entendendo o sujeito surdo como sujeito de si, de sua língua e cultura, a sociedade conseguirá, juntamente ao sujeito surdo, promover mudanças socioeducacionais essenciais e libertadoras.” (ROSA, 2011, p.153)

Partindo do respeito à diferença no processo de aprendizagem do estudante surdo, em contexto de ensino regular na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), o estudo de Silva e Oliveira (2020) demonstrou que se forem adotados regularmente procedimentos metodológicos de ensino que respeitem as especificidades de aprender do estudante surdo, agregado a recursos educacionais inclusivos e ao envolvimento do estudante nas atividades de aprendizagem, este terá mais e melhores condições de aprender.

No entanto, no âmbito da Educação Inclusiva ou mesmo Bilíngue, são escassas as práticas pedagógicas voltadas ao respeito às diferenças (SKLIAR, 2016). Sobre essa questão, Silva e Oliveira (2020) argumentam que desconsiderar a forma como o estudante surdo aprende é valorizar as barreiras que o impedem de avançar em seu desenvolvimento cognitivo, de aprender e de ter mais e melhores condições de interagir com a realidade que o cerca, inclusive com o mundo do trabalho.

Nesse sentido, este artigo, um relato de um estudo de caso de natureza qualitativo-interpretativo, buscou operacionalizar a abordagem de ensino do *saber pelo fazer* (BARATO, 2003, 2015) para o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual, para estudantes surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, a partir da tessitura dessa abordagem, da análise de estudos teóricos e empíricos sobre a comunidade surda e das percepções de oito estudantes surdos sobre fotografia.

O estudo busca demonstrar que a abordagem de ensino *do saber pelo fazer* (BARATO, 2003, 2015) alinha-se à forma de aprender e de interagir dos estudantes surdos e, portanto, pode contribuir para formar profissionais mais criativos,



autônomos e qualificados para o trabalho do comunicador visual, além de contribuir para a área onde o estudo se insere e de trazer *insights* para práticas pedagógicas nas quais o estudante surdo é o centro do ensino.

Este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira foi apresentado um breve cenário onde o estudo se insere; na segunda, será apresentada a fundamentação teórica do estudo; na terceira, o percurso metodológico da pesquisa; na quarta, a análise dos dados; e, na quinta, os resultados e as considerações finais.

## Os saberes, os fazeres e o ensino de fotografia na EPT

*[...] a inteligência no trabalho se dá por diversos caminhos. De cima para baixo? Ela vem da cabeça para “comandar” a mão? Da “teoria” que, supostamente, viria ser aplicada na “prática”? Não. O corpo está todo ele “pensando” e “fazendo”. Se não “todo”, pelo menos todos os nossos órgãos envolvidos em “operações pensantes”, que se conectam e se retroalimentam. Indo mais longe, afirmamos: a não-separação mente-corpo é um pressuposto fundamental da formação profissional.*

(ALLAIN; WOLLINGER; MORAES, 2017, p. 25).

A epígrafe que abre esta fundamentação teórica expressa a concepção que embasa este artigo voltado para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT): indissociabilidade entre o pensar e o fazer, ou entre os saberes e os fazeres profissionais. Em outras palavras, mente, corpo, e acrescentamos emoção, constituem o homem e seu trabalho e são por eles constituídos continuamente.

Seguindo a didática do trabalho discutida em Barato (2003, p.17), devemos considerar o *saber fazer* como “uma dimensão epistemológica cuja origem e fundamento é a própria ação, não um pensar que a antecede”. Tal concepção contraria o senso comum de que a teoria deve preceder a prática em ambientes formais de ensino. O ato de fazer é compreendido, por si próprio, como um saber.

Essa noção de *saber fazer* recupera as origens da educação profissional, que costumam ser mal interpretadas: “o modelo cujas bases nasceram no chão de oficinas e ateliês, a aprendizagem corporativa, é esquecido ou criticado pelos educadores.” (BARATO, 2003, p. 22). Os saberes do fazer exigem criatividade e inteligência, em um contínuo processo de elaboração e reelaboração do conhecimento que se distancia, completamente, da noção de técnica como um ato mecânico.

Barato (2003) ainda defende que os sistemas de ensino se adequem às características do tipo de conhecimento que pretendem promover, dando prioridade à técnica e não à verbalização teórica de seus fundamentos. É nesse sentido que este estudo pretende contribuir tendo em vista que, tradicionalmente, as instituições de ensino têm enfatizado o ensino intelectual, teórico, propedêutico em detrimento do técnico e se dividido entre aquelas que formam para o exercício intelectual e aquelas que formam para o exercício do trabalho.

Conforme Allain, Wollinger e Moraes (2017), o mito de que o trabalhador não pensa ainda está fortemente inserido na cultura brasileira, sendo comum a expressão “mera atividade mecânica” na caracterização de trabalhos manuais, entendidos como sem esforço de reflexão ou de pensamento. Todavia, na Educação Profissional e Tecnológica não pode haver esse entendimento, pois o trabalho é o princípio dessa formação.



Sobre essa questão, Rose (2007, p. 75), em seu livro “O Saber no Trabalho” coloca: “[...] nós não valorizamos o conteúdo intelectual do trabalho por conta de um preconceito profissional e institucional. [...] precisamos ser mais criativos ao unir biblioteca e oficina para ajudar os alunos a construir uma vida melhor”.

Contribuindo sobre essa temática, Barato (2004) assevera que o ensino supervaloriza a teoria em detrimento da prática e defende a ideia do saber pelo trabalho na formação profissional. Para o autor, o ensino por meio do trabalho é “fazer saber” visando à emancipação do estudante.

Além dessas questões, acreditamos que há necessidade de se pensar uma EPT que esteja atenta ao contexto educacional dos estudantes, principalmente quando esses são diferentes da cultura dominante, como os surdos por exemplo. Nesse sentido, estudos recentes trazem reflexões sobre a garantia da qualidade do ensino quando os estudantes surdos são inseridos em escolas regulares ou bilíngues.

Sobre essa questão, Kelman (2015) enfatiza que a educação de estudantes que não pertencem à cultura dominante só pode ser bem-sucedida se for impregnada de respeito às culturas minoritárias. A autora ainda destaca que a educação inclusiva e o atendimento educacional precisam ser pensados especificamente para cada grupo de crianças, os menores trabalhadores, menores de rua, índios, imigrantes, surdos, cegos, pois nada têm em comum entre si, embora todos tenham direito à educação de qualidade.

Ampliando a discussão sobre a inclusão de estudantes surdos ou de outras minorias, Kelman (2015) também destaca que para se lidar com estudantes que têm processos de desenvolvimento e de socialização distintos do tradicional, não é possível um ensino generalizado; ao contrário, deve-se “buscar a análise e a compreensão dos fenômenos de comportamento individual e coletivo, nos diversos contextos em que as interações sociais e culturais ocorrem.” (KELMAN, 2015, p.49). Nessa perspectiva, a autora alerta que o conceito de necessidades educacionais especiais traz, na realidade, o não reconhecimento de que cada grupo social possui particularidades e necessidades específicas, como reivindicações diferenciadas, tanto em nível cultural como em nível educacional. (KELMAN, 2015).

Contribuindo para essa linha de argumentação, Rosa (2011) ressalta que não é através da imposição de leis e decretos, como tem ocorrido no Brasil, que se terá uma educação de qualidade, mas através do respeito. É preciso respeitar a variante linguística, cultural, identitária e social dos surdos, pois somente “atendendo e entendendo o sujeito surdo como sujeito de si, de sua língua e cultura, a sociedade conseguirá, juntamente ao sujeito surdo, promover mudanças socioeducacionais essenciais e libertadoras.” (ROSA, 2011, p.153). Nessa linha, Perlin (2010) destaca que é importante que se discuta a surdez sob a ótica da diferença, sob o ponto de vista de dentro, “usando óculos surdos”, que permitem de fato uma visão da realidade surda.

Partindo dessa perspectiva, em contexto de ensino regular na EPT, com foco no ensino de conceitos matemáticos complexos, o estudo de Silva e Oliveira (2020) demonstrou que se forem adotados regularmente procedimentos metodológicos de ensino que respeitem as especificidades de aprender do estudante surdo, agregado a recursos educacionais inclusivos e ao envolvimento do estudante em seu processo de aprender, este terá mais e melhores condições de aprender tais conceitos.

Dentre os procedimentos metodológicos de ensino, Silva e Oliveira (2020) sugerem: i) iniciar o planejamento de aulas a partir de um diagnóstico sobre o conhecimento a ser aprendido ou habilidades a serem desenvolvidas; ii) interagir com o estudante



surdo em Libras pessoalmente ou por meio de um intérprete de Libras; iii) usar imagens para a compreensão de conceitos simples ou complexos, além de palavras-chave, de pesquisa em sites de busca e de suas ferramentas, de vídeos no *Youtube*, de programas da TV INES; iv) planejar atividade de aprendizagem que envolvam ação do estudante: aprender fazendo; e v) trabalhar simultaneamente o português escrito em enunciados de atividades, marcando as palavras-chave do que é solicitado ao estudante. (SILVA; OLIVEIRA, 2020, p. 19).

Por fim, o estudo argumenta que desconsiderar as especificidades do estudante surdo é valorizar as barreiras que o impedem de avançar em seu desenvolvimento cognitivo, de aprender e de ter mais e melhores condições de interagir com a realidade que o cerca, inclusive com o mundo do trabalho.

Pesquisas voltadas para a inclusão e o processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo estão em crescimento no Brasil e no exterior. Alguns pesquisadores de referência na área vêm abordando temas como a especificidade da Identidade e Cultura Surda, o Bilinguismo e o Ouvintismo, a importância de ensinar em Libras, entre outros assuntos que têm como foco o respeito às individualidades do estudante surdo. Contudo, estudos sobre o ensino de fotografia voltados para esse estudante não foram encontrados nas bases de dados pesquisadas. O que se identificou foi o uso de imagens na sala de aula como recurso pedagógico para atingir a um fim que não o ensino de fotografia. Diante de tal fato, torna-se relevante ampliar as discussões e os estudos que colocam a imagem como foco do saber, e entender como o ensino de fotografia pode contribuir para a formação e emancipação profissional de estudantes surdos matriculados em curso técnico de comunicação visual.

Sobre as pesquisas que usam a imagem como recurso pedagógico no ensino de estudantes surdos, o estudo de Reily (2003) constatou que a imagem tem tido efeito bastante positivo com crianças surdas, mas também constatou que a “imagem vem sendo utilizada na escola com uma função primordialmente decorativa, de tal forma a diluir o tédio provocado pela grafia de textos visualmente desinteressantes” (REILY, 2003, p. 164). Assim, o autor enfatiza que a imagem precisa se fazer presente no campo da surdez e instiga os educadores a fazerem uma reflexão sobre o papel da imagem no processo de escolarização de surdos. Para tanto, propõe a inserção do letramento visual no currículo escolar.

Nery e Batista (2004), em estudo sobre imagens visuais na educação de uma adolescente surda, também destacaram a importância de imagens visuais como recurso pedagógico com esses adolescentes. As autoras comprovaram que o uso da fotografia com uma participante surda em atendimento pedagógico numa clínica escola especializada foi positivo: a estudante desenvolveu uma prática discursiva com diálogos extensos, abordando elementos descritivos e estabelecendo relações e inferências entre os assuntos propostos por ela mesma. No estudo, as autoras ainda destacaram que, devido ao uso intensivo de imagens, a participante apresentou um nível de atenção e de participação maior do que o habitual, tanto em relação aos temas propostos quanto à capacidade de compreensão de textos em níveis de complexidade diferentes, concluindo que as representações visuais favorecem uma interação com maior nível de concentração e tempo de manutenção de diálogo. As autoras também concluíram que a fotografia pode ser pensada e usada como recurso facilitador de aprendizagem do surdo, assim como outros recursos devem ser explorados, descobertos e até mesmo criados com o objetivo de possibilitar uma metodologia e um currículo escolar que seja adequado às



diferenças de aprendizagem do estudante surdo, abrindo a possibilidade de inclusão desse estudante na escola regular.

Outro estudo que relaciona o uso da fotografia com o resgate da identidade e da cultura surda foi produzido por Rangel (2004). O estudo não trata propriamente do uso da fotografia de forma pedagógica, mas a utiliza como resgate das histórias do povo surdo, por meio da narrativa fotográfica colhida pela leitura de imagens por parte dos indivíduos surdos pertencentes à Cultura Surda Porto Alegrense. O estudo concluiu que a visualização das imagens e as histórias extraídas dessas imagens proporcionaram boas narrativas e um estímulo significativo para que os surdos se expressassem sobre as imagens, corroborando estudos anteriores sobre o mesmo tema e questão de pesquisa.

Um outro estudo que relaciona a fotografia com a surdez, é o de França e Braun (2016). O estudo nos leva a uma reflexão sobre o papel da fotografia como um meio de suprir a necessidade de melhorar o diálogo de estudantes surdos com o processo de aprendizagem de forma mais concreta, clara e dinâmica. As autoras salientam que, por serem muito utilizadas, as fotografias agregam um código visual à informação, tendo em vista que estreitam a relação entre um momento histórico e a prática do ensino, sugerindo que as imagens nos libertam da pedagogia do verbalismo. As autoras alertam que a fotografia está tão enraizada na vida cotidiana, que sequer se nota sua presença, mas ela “está associada a toda atividade humana social, econômica e cultural. Toda história humana é representada por gravuras e posteriormente pelas fotografias” (FRANÇA; BRAUN, 2016, p.17), e concluem que a fotografia possui papel importante para o processo de ensino e aprendizagem, pois é “chave para o repasse de informações de uma forma lúdica, facilitando a compreensão, se convertendo em voz som” (FRANÇA; BRAUN, 2016, p.16).

Sobre a mesma temática, Correia e Neves (2019) realizaram um estudo sobre “a escuta visual” na educação de surdos. As autoras buscaram compreender a importância e o lugar que o recurso visual imagético ocupa na práxis pedagógica, numa perspectiva de educação bilíngue de um docente ouvinte. Para as autoras:

A utilização por educadores do recurso didático visual imagético tornou-se um instrumento comum para o ensino, mas traz diferentes graus de complexidade garantindo a aprendizagem do aluno. Os Surdos conhecem o mundo pela visão e isso significa desenvolver um código visual, ou seja, associar significado e significante a partir das informações visuais que extraem do meio. (CORREIA; NEVES, 2019, p. 10).

As pesquisadoras concluíram que “[...] o uso do recurso didático imagético adequado, com ênfase na experiência visual, facilitou a dinâmica das aulas, tornando mais fácil a explicação do conteúdo, estimulando a construção do conhecimento de forma mais lúdica, atendendo a especificidade do sujeito surdo que utiliza o canal visual para interagir com o mundo” (CORREIA; NEVES, 2019, p. 16). Por fim, as autoras destacaram a importância da utilização da imagem visual aliada ao bilinguismo para a educação do surdo, já que possibilitam ricas interações, acrescidas de um “desenvolvimento mais sadio e harmonioso, oferecendo uma forma visual de acessibilidade ao conhecimento.” (CORREIA; NEVES, 2019, p.17) O estudo aqui apresentado pretende avançar nessa temática, promovendo mudança no foco do uso da fotografia: de recurso pedagógico para meio e fim do ensino de fotografia. Mais especificamente, identificando procedimentos metodológicos que viabilizem o ensino de fotografia de produto aplicada à comunicação visual para estudantes surdos, por meio da prática da técnica de



fotografia, potencializando sua experiência com a imagem e sua formação profissional na área de comunicação visual. Dentro dessa especificidade, optou-se pelo ensino da fotografia de *Still Life*, ou seja, a fotografia de produto, segmento que vem crescendo mundialmente devido à necessidade de as empresas divulgarem o que produzem em suas redes sociais, bem como em comércios eletrônicos. Weston (1966, p.154 apud GURAN, 2002, p.16) nos traz uma reflexão que vai ao encontro do papel da fotografia voltada para o comercial, a publicidade, a moda e a comunicação visual:

O poder da fotografia reside na sua capacidade de recriar o seu objeto nos termos da realidade básica dele, e de apresentar esta recriação de tal forma que o espectador sinta que está diante não apenas do símbolo daquele objetivo, mas da própria essência da natureza dele revelada pela primeira vez.

Tal reflexão nos faz entender a necessidade de produzir imagens bem iluminadas, bem ambientadas, com suas características de volume, textura, tridimensionalidade bem marcadas, criando cenários possíveis, buscando, através do produto e da sua cenografia, gerar sentido, despertar o interesse do consumidor, pois essa é uma das finalidades da fotografia com viés comercial: despertar o desejo, a necessidade de o consumidor adquirir determinado produto ou serviço. Na próxima seção apresentamos o percurso metodológico deste estudo.

## **Percurso metodológico do estudo**

Este artigo, um relato de um estudo de caso (YIN, 2015) de natureza qualitativo-interpretativa, com oito estudantes surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, de um Instituto Federal da região sul do Brasil, parte do pressuposto de que a abordagem de ensino de cursos técnicos de Institutos Federais (IFs) deve seguir a premissa da EPT: *o saber pelo fazer* (BARATO, 2003). Além desse pressuposto, acreditamos que os estudantes surdos de cursos técnicos podem aprender técnicas complexas de fotografia, fazer relações entre o saber técnico e o mundo do trabalho e se tornarem profissionais qualificados, autônomos e criativos, desde que o conhecimento seja abordado a partir do *saber pelo fazer*, com a mediação de materiais concretos usados na profissão, e que sejam respeitadas suas especificidades de aprender.

A partir dos pressupostos aqui colocados, foi feito um recorte na grade curricular do Curso de Comunicação Visual do IF estudado, e o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem foi selecionado para a pesquisa, tendo em vista o “boom” na comunicação visual na sociedade contemporânea e o leque diversificado de atuação profissional em que os estudantes surdos participantes do estudo podem atuar, se souberem aplicar diferentes técnicas de fotografia à comunicação visual, área de formação profissional dos participantes.

Dito de outra maneira, este estudo buscou transpor para a prática uma abordagem de ensino que parte da prática da técnica de fotografia para a aprendizagem de conceitos complexos de fotografia de produto aplicada à comunicação visual. Ou seja, um ensino que leve os estudantes surdos a aprenderem técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual fotografando, experimentando, manipulando câmeras fotográficas, recursos de iluminação e outros aparatos profissionais, mediados pelo professor em parceria com o intérprete de Libras e, assim, se



apropriarem dos conceitos necessários para atuarem na área de comunicação visual com competência, autonomia e criatividade.

Para corroborar esses pressupostos, o estudo buscou tecer à didática profissional (de BARATO, 2003) as especificidades de aprender do estudante surdo (em conformidade com os estudos de KELMAN, 2015; PERLIN, 2010; QUADROS, 2015; SILVA; OLIVEIRA, 2020; SKLIAR, 1999; STROBEL, 2015), de modo a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem de fotografia aplicada à comunicação visual, a buscar uma inserção mais qualificada do público surdo no mundo do trabalho e a agregar conhecimento na área de pesquisa em que o estudo se insere. Para tanto, este estudo buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Que procedimentos metodológicos, a partir da abordagem de ensino do saber pelo fazer, viabilizam o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes surdos do Curso Técnico de Comunicação Visual Integrado ao Ensino Médio?*

Para responder a pergunta que guiou o estudo foi feito um levantamento de estudos teóricos e empíricos na área temática onde esta pesquisa se insere, que identificou uma lacuna nesse viés temático. Agregou-se ao levantamento de estudos, a análise do Projeto Pedagógico do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual e o Plano de Ensino do professor do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem da instituição estudada. O estudo desses documentos buscou identificar as concepções de ensino e aprendizagem, assim como a metodologia de ensino que orienta o curso. Adicionou-se a esses instrumentos de geração de dados entrevistas, que procuraram identificar o conhecimento de técnicas de fotografia que os participantes possuíam antes do estudo, do papel da fotografia na comunicação visual, da importância da iluminação na fotografia e da função do diafragma, obturador e ISO (controle da sensibilidade do sensor à luz) na produção fotográfica. Além das entrevistas, foi realizado um teste diagnóstico com os participantes, que buscou identificar se eles conseguiam produzir fotografias de produto voltadas para a comunicação visual a partir do conhecimento que tinham antes da pesquisa. A partir da geração desses dados, buscou-se planejar procedimentos metodológicos que viabilizassem o ensino pretendido de forma eficaz.

Cabe ressaltar que este estudo é um recorte de uma pesquisa bem mais ampla, conduzida no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional; portanto, limita-se à apresentação da parte inicial do estudo - a identificação de procedimentos metodológicos de ensino a partir de uma abordagem específica para um público específico.

O estudo mais amplo buscou desenvolver, implementar e avaliar um produto educacional, no formato de sequência didática sobre fotografia de produto aplicada à comunicação visual para estudantes surdos do IF estudado, posto em prática por meio de três oficinas, com diferentes níveis de complexidade de produção fotográfica: Fotografia de Produto; Fotografia de Alimentos; e Fotografia de *Splash*. Em outras palavras, o recorte busca identificar o caminho inicial para o desenvolvimento metodológico do produto educacional: os procedimentos de ensino.

A análise dos dados gerados pelos diferentes instrumentos, de cunho qualitativo-interpretativo, apoiou-se na Análise de Conteúdo para a categorização e o tratamento dos dados, definida por Bardin (2010) como um método de pesquisa para descrever e interpretar conteúdos de documentos e textos, auxiliando na reinterpretação dos discursos e na compreensão de seus significados, que serão apresentados na próxima seção.





## Análise e discussão dos dados

*Fotografar é – simultaneamente e numa mesma fração de segundo – reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar o seu significado. É pôr numa mesma linha cabeça, olho e coração.*  
(BRESSION 1976, p.78 apud GURAN, 2002, p. 19).

Nesta seção apresentamos, primeiramente, a análise dos dados gerados do estudo dos documentos institucionais e das entrevistas com os participantes, que antecederam a elaboração da sequência didática e das oficinas. Na sequência, apresentamos as estratégias que surgiram da transposição teórica da abordagem de ensino do *saber pelo fazer* e dos estudos revisados para este estudo, que serviram, posteriormente, de fundamento para o desenho da sequência didática e das oficinas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual, mas que não serão aqui apresentadas por limitação de espaço.

### Um olhar sobre documentos e percepções

De forma geral, a análise dos documentos oficiais da instituição estudada, sugere que predomina uma abordagem teórica no ensino de fotografia no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, e que esse ensino está descolado das atividades profissionais no viés da fotografia para a comunicação visual. As entrevistas com os estudantes surdos participantes do estudo, o teste diagnóstico sobre fotografia aplicado aos participantes, além da literatura aqui revisada, corroboram esse achado.

Nas entrevistas, os participantes sinalizaram que têm uma noção da técnica da fotografia básica, mas desconhecem como deve ser feita uma fotografia para a comunicação visual e as mídias que a utilizam. Tais achados sugerem que os participantes não estão qualificados para o mundo do trabalho no viés investigado. O excerto 1, a título de exemplificação, mostra a noção superficial da técnica da fotografia básica.

Excerto 1: A gente tem que pensar no enquadramento, cuidar para não ter nenhuma falha, por exemplo balanceamento correto, equilíbrio na foto.  
(Entrevista, Estudante 4, em 16 set. 2019)

Como sinaliza o excerto 1, o estudante 4 consegue lembrar de termos como “enquadramento” e “equilíbrio”, que podem demonstrar algum conhecimento sobre o princípio básico da fotografia: a luz e as regulagens básicas da câmara como planos e ângulos; no entanto, esse conhecimento parece ser superficial.

Segundo McLuhan (1967), a fotografia tem um papel significativo na comunicação visual. Ela desempenha um papel importante na transmissão da informação pelo nível da informação que transmite, e possui aplicações em diferentes mídias (meios): *off line* (jornais, revistas, *folders*, *flyers*), digitais (*blogs*, *sites*, *instagram*, *fanpage*, jornais e revistas digitais), externas (*cartazes*, *outdoors*, *busdoor*, etc). Entretanto, os participantes parecem desconhecer tanto a função social da fotografia quanto os meios pelos quais essa função é desenvolvida.

Esperava-se que os participantes, após terem concluído o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, do Curso de Comunicação Visual, tivessem uma noção das mídias que veiculam fotografias voltadas para a comunicação visual, já que o termo é um jargão profissional; porém não foi o que se constatou entre os



participantes, sugerindo um distanciamento entre o ensino da fotografia e o trabalho na área de comunicação visual.

A entrevista também desvelou que nem todos os participantes têm noção da importância da iluminação na fotografia, algo importante tanto para a fotografia básica quanto para a aplicada à comunicação visual. O conhecimento sobre iluminação na fotografia é o básico da iluminação: iluminação natural ou eventualmente artificial, fotografias internas. Contudo, as fotografias internas que os estudantes se referiam eram tiradas com as luzes da sala de aula, não com iluminação específica para fotografia, conforme sinalizam os excertos 2 e 3.

Excerto 2: A gente fez os dois, fora (iluminação externa) e dentro (interna), porém mais externa. Sobre a luz utilizada disse que parecia um pouco maior, mais forte. (Entrevista, Estudante 2, em 16 set. 2019)

Excerto 3: Acho que não (Entrevista, Estudante 3, em 16 set. 2019). Não aprendeu, só externa. (Entrevista, Estudante 6, em 16 de set. 2019)

Esse achado evidenciou que os alunos trabalham com luzes disponíveis nos ambientes sobre as quais não têm controle, exceto pelo ato de apagar ou acender o interruptor; uma iluminação profissional possibilita controle da posição, da altura, do direcionamento e da potência. Nas respostas, entretanto, percebemos que os participantes não abordam a iluminação específica para fotografia de produto, mas a importância da luz e da sombra, que significa apenas clarear e escurecer a cena. Segundo Hunter, Biver e Fuqua (2011, p.17), dominar a iluminação é importante porque ela é parte da linguagem da fotografia.

Padrões luminosos transmitem a informação com tanta precisão quanto a palavra pronunciada. A informação que a luz transmite é clara e específica. Inclui afirmações definidas como a casca desta árvore é áspera, ou este utensílio é feito de aço inoxidável, mas aquele é feito de prata.

Nas entrevistas, os estudantes também foram questionados sobre a função do diafragma, obturador e ISO. Esse questionamento visou identificar o quanto os participantes sabiam sobre os conteúdos da fotografia básica. As respostas indicaram que alguns dos participantes têm uma noção superficial sobre a fotografia e sobre o obturador, diafragma e ISO, porém outros não têm esses conhecimentos ou não souberam explicar para que servem. Os excertos 4, 5 e 6 evidenciam os achados.

Excerto 4: A gente trabalha o zoom, a gente vai fazendo alteração da configuração e vai ficando mais escuro e mais claro. (Entrevista, Estudante 4, em 16 set. 2019)

Excerto 5: A gente faz a configuração da câmera para fazer uma captura longa ou com menos distância, pensa as cores, as vezes pode ficar muito clara, esbranquiçada, vamos diminuir o brilho, numa qualidade melhor porque se tiver muito alta não dá para ver direito. Tem que sempre estar ajustando, diminuindo ou aumentando. (Entrevista, Estudante 7, em 16 set. 2019).

Excerto 6: Acho que a professora não explicou tudo pra gente, ela falou muito pouco, só como ligar a câmera, mexer enquadramento, pensar se tem luz ou não tem (Entrevista, Estudante 2, em 16 set. 2019).

Analisando as entrelinhas dos excertos 4, 5 e 6, pode-se dizer que as expressões “mais luz”, “menos luz”, “mais clara” fazem alusão ao papel do diafragma na



fotografia, que possui formato de íris e controla a quantidade de luz. Além disso, a expressão “captura longa” sugere algum conhecimento sobre obturador, que controla o tempo de exposição à foto. Ou seja, no obturador, uma captura longa significa um longo tempo de exposição na captura da imagem. Já em relação ao ISO, nenhuma expressão foi identificada na fala dos participantes que pudesse sugerir algum conhecimento sobre ele.

Sobre a abordagem de ensino nas aulas de fotografia do curso em tela, a maioria dos participantes as consideram teóricas e outros não souberam opinar. Os excertos 7 e 8 trazem a percepção dos participantes sobre as aulas de fotografia.

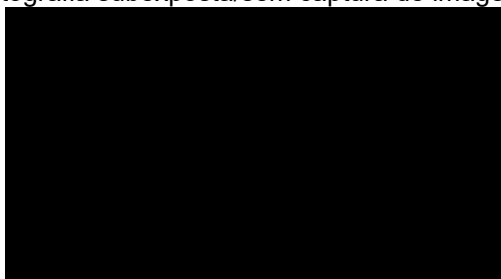
Excerto 7: Era mais explicada, expositiva, depois até fazia prática, mas era mais tempo explicando. (Entrevista, Estudante 2, em 16 set. 2019).

Excerto 8: A professora explicava mais, era mais explicativa, expositiva. (Entrevista, Estudante 3, em 16 set. 2019).

A análise das entrevistas, revelou a necessidade de realizar, antes da primeira oficina da sequência didática, um momento para diagnosticar o conhecimento prévio dos estudantes. Assim, foi solicitado que pegassem a câmera e fotografassem os produtos dispostos na bancada de produção, que seriam fotografados no decorrer da primeira oficina.

O resultado do diagnóstico foram fotografias sem a quantidade de luz adequada. Usando um termo da área, as fotografias ficaram subexpostas, demonstrando que tríade básica de produção fotográfica: obturador, diafragma e ISO, estava completamente descalibrada. Desse modo, a luz não atinge o sensor; logo, não captura a imagem. A Figura 1 retrata o que se coloca.

Figura 1- Fotografia subexposta/sem captura de imagem



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

É importante destacar que todos os participantes obtiveram esse mesmo resultado no momento do diagnóstico, sinalizando que não souberam aplicar o conhecimento trabalhado no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem.

Em suma, a entrevista com os participantes, de forma geral, informou que as aulas de fotografia que tiveram no curso têm uma abordagem mais teórica do que prática, e que eles têm um conhecimento superficial sobre técnicas de fotografia básica. Além disso, as fotografias que os participantes tentaram produzir na etapa de diagnóstico indicaram que eles não sabem usar o conhecimento teórico trabalhado no componente curricular para produzirem fotografias e, provavelmente, muito menos as fotografias de produto aplicadas à comunicação visual. Em outras palavras, o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem parece não ter preparado os participantes para atuarem de forma qualificada no mundo do trabalho, no viés da fotografia para a comunicação visual.



Com base nesses resultados, buscamos fazer uma transposição da abordagem de ensino do *saber pelo fazer* e dos estudos revisados para a pesquisa para a prática, de tal forma que viabilizassem o ensino de fotografia de produto para a comunicação visual para estudantes surdos, respeitando sua forma de aprender e interagir e agir no mundo, e conseqüentemente, viabilizando uma formação mais qualificada, criativa e autônoma.

Esses pilares teóricos foram analisados, sistematizados e categorizados. A tessitura dessa categorização gerou procedimentos metodológicos de ensino, que foram agrupados em temas e serão apresentados na próxima subseção.

## **Os procedimentos metodológicos para o ensino de fotografia**

Os procedimentos metodológicos de ensino gerados pela tessitura da abordagem de ensino do *saber pelo fazer* e dos estudos sobre estudantes surdos foram categorizadas em três grandes temas: i) A preparação da arquitetura do ambiente para o ensino, que incluiu a preparação do contexto/espacos de ensino, das bancadas de produção fotográfica e dos equipamentos a serem usados nas fotografias; ii) A preparação de materiais voltados à especificidade de aprendizagem do estudante surdo, que incluiu a preparação de *slides*, de material impresso, se necessário, e/ou de videoaulas para estudo e reforço de aprendizagem; e iii) A mediação do ensino, que demanda a presença do intérprete de Libras quando o professor não é fluente em Libras.

### **A preparação da arquitetura do ambiente para o ensino**

Iniciamos a descrição do ambiente com uma reflexão acerca dos espaços que recebem estudantes surdos. Conforme Quadros (2015), é importante evidenciar que as mudanças no ensino de estudantes surdos devem começar pela arquitetura, pelos espaços e suas formas de interação. Assim, mesa redonda e cadeiras giratórias são escolhas adequadas para o ensino de fotografia para surdos, tendo em vista que facilitam a mobilidade e a comunicação entre os participantes, e propiciar uma visão panorâmica do contexto, do intérprete, das bancadas de acessórios e utensílios para as fotos, do *set* de iluminação e captura de imagem, e da projeção dos *slides* com as explicações, as imagens e os conceitos a serem trabalhados, além das ilustrações que devem ser usadas para intermediar significados.

As bancadas de trabalho, contendo os produtos e acessórios de cenografia, podem ser montadas nas salas de aula para que os estudantes tenham contato, o mais próximo possível, com a prática do trabalho na área de fotografia, no caso do presente estudo. O primeiro passo antes da captura fotográfica desse segmento é espalhar a produção para que os estudantes possam conhecer o que vai ser fotografado e os recursos que compõem as ambientações dos produtos. Nesse sentido, é importante ressaltar que a quantidade e diversidade de utensílios para mediar o processo de aprendizagem, sem dúvida, tende a enriquecer as composições fotográficas.

Os equipamentos usados por fotógrafos profissionais, como câmeras fotográficas DSLR (*Digital Single Lens Reflex*), na falta de um estúdio fotográfico na instituição ou de parceria com estúdios fotográficos da região, podem ser disponibilizados aos estudantes para a manipulação e produção de fotografias de produto. Para iluminar os *sets*, também deve ser disponibilizado aos estudantes fotômetros, *flashes* de



estúdio, acessórios de iluminação, equipamentos conceituados no meio fotográfico e utilizados por grande parte dos fotógrafos de estúdio. A Figura 2 espelha o que se descreve.

Figura 2- Visão das bancadas de trabalho com produtos a direita e ao fundo, *set* de iluminação e equipamentos.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A organização do ambiente, a montagem de bancadas de trabalho com acessórios diversos, além do uso de equipamentos profissionais variados possibilitam aos participantes conhecerem as tecnologias utilizadas por profissionais em suas produções fotográficas, aproximando-os do mundo do trabalho.

### **A preparação de materiais voltados à especificidade de aprendizagem do estudante surdo**

A preparação do material didático voltado para a especificidade de aprender do estudante surdo pode incluir a elaboração de *slides* para o apoio à abordagem do ensino, a produção de material impresso com o conteúdo dos *slides* para os estudantes fazerem anotações, além de videoaulas sobre o mesmo conteúdo para servir de material de estudo e consulta para estudantes e professores.

Os *slides*, a partir dos procedimentos recomendados por Silva e Oliveira (2020), podem trazer imagens, infográficos, ilustrações, buscando criar condições propícias para que o estudante possa fazer associações, inferências, comparações entre a imagem e a palavra escrita e, assim, compreender os conceitos associados a cada aula. Em *slides* de conceituação e classificação de fotografia, por exemplo, que necessitam de mais texto, podem ser usadas imagens conceituais e intuitivas, agregadas a perguntas guiadas pelo professor, para gerar compreensão e estimular associações.

Lacerda, Santos e Caetano (2014) falam da importância de elementos imagéticos nos materiais didáticos para os estudantes surdos:

[...] elementos imagéticos (uma maquete, um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo, um pequeno trecho de filme) poderiam ser úteis à apresentação de um tema ou conteúdo pelos professores de ciências, física, química, biologia, história, geografia, matemática, inglês entre outros. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2014, p.188).

E Silva e Oliveira (2020) enfatizam que os equipamentos e recursos visuais selecionados tornam viável a abordagem de conceitos abstratos de forma concreta, materializando-os, além de facilitar a mediação do intérprete, já que materializam conceitos e explicações. A figura 3 mostra um exemplo de *slide* com informação apoiada em imagens.

Figura 3 - Print do slide sobre a influência dos sentidos na tomada de decisão.

### A importância da imagem - fotografia



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

### A mediação do ensino

A presença do intérprete de Libras nas salas de aula é uma conquista da comunidade surda, assegurada pelo decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Segundo Lacerda, Santos e Caetano (2014, p.196), “devido ao maior contato com a comunidade surda e conhecimentos sobre as especificidades do aluno surdo, [o intérprete de Libras] pode trazer contribuições valiosas ao professor, com relação ao processo de aprendizagem”.

As contribuições do intérprete de Libras cedido pela instituição estudada ficaram evidenciadas neste estudo e viabilizaram o planejamento, a implementação e a avaliação da sequência didática e dos subprodutos gerados a partir dela: videoaulas e portfólio, além da mediação dos conceitos, da compreensão dos equipamentos fotográficos e suas funções e da produção fotográfica dos estudantes.

Como nos lembra Lacerda, Santos e Caetano (2014), os estudantes surdos precisam da língua de sinais para aprender:

Para os surdos, os conceitos são organizados em língua de sinais, que por ser uma língua visogestual pode ser comparada a um filme, já que o enunciador, enuncia por meio de imagens, compondo cenas que exploram a simultaneidade e a consecutividade de eventos. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2014. p.2014)

Para Kotaki e Lacerda (2014), o Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS) é um elemento-chave para que o estudante surdo, usuário da Libras, tenha acesso não só ao conteúdo escolar, mas também à construção de sentido e às oportunidades de inserção e de interação social no espaço escolar:

Sua função [do intérprete] é de viabilizar a comunicação entre surdos e ouvintes, atuando na fronteira entre os sentidos da língua oral (português) e da Língua de Sinais, em um processo ativo, dinâmico e dialético. (KOTAKI, LACERDA, 2014, p.206).

No entanto, é importante destacar que apenas o intérprete de Libras não dá conta do processo de aprendizagem do estudante surdo; no processo de planejamento das aulas, o professor também precisa pensar nos elementos visuais que podem proporcionar uma rica experiência de ensino e aprendizagem ao estudante surdo, e o intérprete de Libras pode orientar nessa tomada de decisão.



Isso significa dizer que o intérprete de Libras, no contexto de ensino, deve ser percebido como um parceiro do professor e do aluno, tanto no processo de ensinar quanto no processo de aprender, já que media todos os processos e interações professor-aluno quando o primeiro não domina o idioma do segundo e vice-versa. Isso também significa uma mudança de percepção do papel da linguagem no ensino. A linguagem é uma das ferramentas de ensino, não a única. A tradução do que o professor escreve e/ou a interpretação do que o professor fala em português para a Libras e da Libras para o português, por si só, não dá conta da complexidade dos processos de aprender e ensinar e das interações. Entendido dessa forma, idealmente, na mediação dos processos e interações, o intérprete de Libras precisa participar ativamente do processo integral: planejamento do ensino, ensino propriamente dito, e avaliação do ensino (planejamento da ação - ação - reflexão sobre a ação) para que a melhor construção de conhecimentos e intermediação entre os sujeitos envolvidos seja possível. Quando essa parceria se efetiva, o resultado se reflete na aprendizagem.

As figuras 4, 5 e 6 são amostras das produções fotográficas dos estudantes surdos participantes do estudo. A qualidade técnica e a beleza plástica e estética das imagens evidenciam uma parceria bem-sucedida.

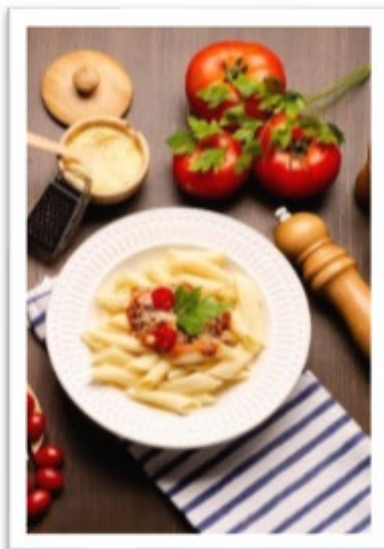
Figura 4 - Foto produzida pelos estudantes na oficina de produto opaco, translúcido e transparente



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).



Figura 5 - Foto produzida pelos estudantes na oficina de comida



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 6 - Foto produzida pelos estudantes na oficina de *splash*



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Em suma, os procedimentos metodológicos de ensino que emergiram deste estudo viabilizaram a operacionalização da teoria que o embasou e foram usados nas oficinas que implementaram e avaliaram a sequência didática no estudo mais amplo, que levaram, por sua vez, os participantes a produzirem fotografias de produto aplicadas à comunicação visual de alta qualidade técnica, estética e plástica, mas que por limitação de espaço não serão aqui amplamente discutidas; no entanto, podem ser visualizadas no portfólio desenvolvido para os participantes do estudo no endereço: <https://comunicadoresvisuais.46graus.com/>

## Resultados e considerações finais

Respondendo a pergunta deste estudo: *Que procedimentos metodológicos, a partir da abordagem de ensino do saber pelo fazer, viabilizam o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual?*





De forma geral, tendo em vista o contexto da EPT, este estudo apoiou-se em dois pilares teóricos: a abordagem de ensino a partir do *saber pelo fazer* (como postulado por BARATO, 2003, 2015) e os estudos sobre a comunidade surda (principalmente os de SILVA; OLIVEIRA, 2020; KELMAN, 2015; LACERDA; SANTOS, 2014 PERLIN, 2010; QUADROS, 2015; SKLIAR, 1999; STROBEL, 2015), buscando, por meio da tessitura desses dois pilares, gerar procedimentos metodológicos que propiciassem um contexto de ensino e aprendizagem de fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes surdos.

O resultado dessa tessitura gerou procedimentos metodológicos de ensino que foram organizados em três grandes temas, que se desdobram em subtemas específicos à cada área do conhecimento. O primeiro procedimento abrange a preparação da arquitetura do ambiente para o ensino; o segundo, a preparação de materiais voltados à especificidade de aprender e de interagir do estudante surdo; e o terceiro, a mediação do ensino que, no caso do público surdo deve, obrigatoriamente, incluir o intérprete de Libras no processo global de ensino e aprendizagem: planejamento, intervenção e avaliação da intervenção, caso o professor não seja fluente em Libras.

Esses procedimentos viabilizaram, no estudo mais amplo, o desenho da sequência didática sobre fotografia de produto aplicado à comunicação visual, que levaram estudantes surdos a aprenderem diferentes técnicas de fotografia de produto, a fazerem relações entre o que aprenderam e o mundo do trabalho e a serem mais criativos e autônomos em suas produções fotográficas. Dessa forma, pode-se dizer também que este estudo consolida a abordagem de ensino fundamentada na didática do trabalho ou na didática do *saber pelo fazer* na EPT e os procedimentos metodológicos gerados neste estudo que, devido à amplitude do seu escopo, podem ser replicados a outras áreas do conhecimento.

No entanto, especificamente na EPT, cabe ressaltar a importância dos espaços de trabalho para que essa abordagem de ensino e seus procedimentos metodológicos se efetivem, trazendo benefícios tanto aos estudantes surdos quanto aos ouvintes e à sociedade em geral, por conseguinte. Sugere-se que, na falta desses espaços/laboratórios nos IFs, busque-se estabelecer parcerias externas para a implementação da abordagem de ensino do *saber pelo fazer*; esses espaços de formação para o mundo do trabalho a partir do trabalho são imprescindíveis para oportunizar práticas de produção fotográfica com clientes reais e suas demandas na formação profissional e tecnológica que os IFs se propõem a oferecer à sociedade. No caso do ensino de fotografia, tal parceria pode se dar com estúdios fotográficos locais ou Organizações Não Governamentais (ONGs), para estimular não apenas o aspecto econômico, mas o trabalho solidário e a cidadania. A parceria com ONGs que atuam com produtos manufaturados, reciclagem, artesanato, serviços e produtos podem aumentar seu potencial de venda, tendo sua imagem de marca mais bem produzida, ganhando mais visibilidade em suas redes sociais e, paralelamente, dar mais visibilidade institucional e formar os estudantes de forma mais integral.

Contudo, há necessidade de se ampliar o universo do estudo para corroborar ou refutar os resultados aqui apresentados e incluir, em estudos futuros, outros instrumentos de geração de dados, como a observação de aulas, a percepção do professor sobre o objeto de estudo e/ou conduzir o mesmo estudo a partir da pesquisa participante ou fazer um estudo longitudinal.



## Referências

ALLAIN, Olivier; WOLLINGER, Paulo; MORAES, Gustavo Henrique. **Conceitos Básicos para uma Epistemologia da EPT**. Disponível em: <http://moodle.ead.ifsc.edu.br/mod/book/view.php?id=64469>. Acesso em: 20 de out. de 2018.

BARATO, Jarbas Novelino. **A Técnica como Saber**: investigação sobre o conteúdo do conhecimento do fazer. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: p. 265. 2003 Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253427/1/Barato\\_JarbasNovelino\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253427/1/Barato_JarbasNovelino_D.pdf). Acesso: 14 de jun. de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BARATO, Jarbas Novelino. **A técnica como saber: investigação sobre o conteúdo do conhecimento do fazer**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: p. 265. 2003 Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253427/1/Barato\\_JarbasNovelino\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253427/1/Barato_JarbasNovelino_D.pdf) Acesso: 14 de jun. de 2020

BARATO, Jarbas Novelino. **Educação Profissional - Saberes do Ócio Ou Saberes do Trabalho?** São Paulo: SENAC, 2004

BARATO, Jarbas Novelino. **Fazer bem feito**: valores em educação profissional e tecnológica. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9352676-Fazer-bem-feito-jarbas-novelino-barato.html> Acesso em 13 de out de 2020.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Institui LIBRAS oficialmente como a primeira língua do sujeito surdo**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 05 de jun de 2020.

CORREIA, Patrícia da Hora e NEVES, Bárbara Coelho; A escuta visual: a Educação de Surdos e a utilização de recurso visual imagético na prática pedagógica. **Revista Educação Especial** | v. 32 | 2019 – Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em: 21 jun. de 2019.

FRANÇA, Sandra Mara; BRAUN, Edy das Graças. **Fotografia, Um Diálogo Para o Ensino-Aprendizagem do Aluno Surdo**. 2016. Disponível em: <https://fasul.edu.br/publicacoes-online/app/webroot/files/trabalhos/20161130-111515.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.



HUNTER, Fil.; FUQUA, Paul; BIVER, Steven. **Luz, ciência & magia**: guia de iluminação fotográfica. 4. ed. Balneário Camboriú, SC: Photos, 2011.

KELMAN, C. A. Multiculturalismo e Surdez: respeito às culturas minoritárias. *In*: LODI, C; MÉLO, A. D. B; FERNANDES, E. (Org.). **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

KOTAK, C, S. LACERDA, C. **O intérprete de libras no contexto da escola inclusiva**: Focalizando sua atuação na segunda etapa do ensino fundamental *in*: LACERDA, C. SANTOS, L. Tenho um aluno Surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de Surdos. São Carlos, SP: Edufscar, 2014.

LACERDA, C, SANTOS, L, CAETANO, J, F. **Estratégias Metodológicas para o ensino de alunos Surdos**. *in*: LACERDA, C. SANTOS, L. Tenho um aluno Surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de Surdos. São Carlos, SP: Edufscar, 2014.

McLUHAN, M. **Os meios de Comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1967.

NERY, C, A.; BATISTA, C, G. **Imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de uma adolescente surda**: um estudo de caso. 2004 Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n29/05.pdf>. Acesso em 13 de out.de 2020.

PERLIN, Gládis. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 51-74.

**Projeto Pedagógico de Curso de Formação Inicial Libras Conversação**. (2017). Instituto Federal de Santa Catarina. Disponível em: [https://sig.ifsc.edu.br/sigrh/public/colegiados/filtro\\_busca.jsf](https://sig.ifsc.edu.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf). Acesso em: 03 fev. de 2019.

**Projeto Pedagógico do Curso Técnico Integrado Bilingue em Comunicação Visual**. (2018). Instituto Federal de Santa Catarina. Disponível em: [https://sig.ifsc.edu.br/sigrh/public/colegiados/filtro\\_busca.jsf](https://sig.ifsc.edu.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf). Acesso em: 03 fev. 2019.

QUADROS, Ronice. M. O “BI” em Bilinguismo na educação de Surdos. *In*.: LODI, C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. (Org.). **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **A história do povo Surdo de Porto Alegre**: Imagens e sinais de uma trajetória cultural. Disponível: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5148/000510697.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2019.



REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o abSurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In.: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus, 2003. p.161-192.

ROSA, E. F. Educação de Surdos: entre a realidade e a utopia. In: SÁ, Nídia Regina L. de. **Surdos Qual a Escola?** Manaus: Editora Valer e Edua. 2011. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/35247706/surdos-qual-escola>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

ROSE, Mike. **O Saber no trabalho**: valorização da inteligência do trabalhador. Trad. de Renata Lúcia Bottini. São Paulo: Senac São Paulo, 2007, p. 253.

SILVA, Marimar da; OLIVEIRA, Hagar de Lara Tiburcio de. Formação Profissional Integrada ao Ensino Médio: um estudo de caso com estudante surdo. **Revista Educação Especial**. v. 33, p. 1-23, 2020.

SKLIAR, Carlos. A localização política da educação bilíngue para Surdos. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. 2 v., p. 7-14.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. 3.ed.rev. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

---

**Recebido:** 07/08/2020

**Aprovado:** 08/01/2020

**Como citar:** GOMES, E. A. C.; SILVA, M. Ensino de fotografia aplicada à comunicação visual na educação profissional e tecnológica: um estudo de caso com estudantes surdos. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 7, e138121, 2021

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

